



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



Olha, na questão de preparar a nossa indústria, a importação de bens de capital mais do que triplicou, de 92 a 98. Isso teve como consequência ganhos de produtividade. Os ganhos de produtividade média, entre 91 e 97, que é o dado que eu tenho, são de 3,3%. Isso é muito mais que os países desenvolvidos, em média. Isso permitiu, realmente, aumentar a riqueza. Isso ajudou a combater a inflação. Não foi só a âncora cambial, não. Houve um forte aumento de produtividade. E isso permitiu que houvesse, portanto, uma manutenção da expansão industrial e que, agora, depois da desvalorização cambial, nós continuássemos conseguindo segurar a inflação e, até, fazer um outro tipo de substituição de importações, quer dizer, de uma maneira positiva, nesse caso, não é fechando barreira, mas é permitindo que houvesse essa expansão que está havendo.

É preciso, também, dizer que a taxa bruta de formação de capital fixo cresceu. Não sei exatamente a quantas nós estamos hoje. Chegamos a 13% do produto. Hoje, deve estar na direção de 20% – é isso, Calabi? – 18,5%, na direção de 20%. Quer dizer, isso é que garante o crescimento.

Vamos, para simplificar, porque eu sou péssimo em contas, mas vamos simplificar que sejam 20%, e que o PIB fosse de 800 bilhões de dólares. Dá 160 bilhões de dólares. Como é 18%, dá 150 bilhões de dólares. Desses, o investimento produtivo direto, estrangeiro, é, mais ou menos, 25 bilhões este ano. O resto é daqui. Não é dinheiro que veio de fora, é dinheiro daqui, de indústria nacional ou de indústria instalada aqui. “Ah, sucatearam a indústria.” Mas que bobagem! Mas que bobagem! É o contrário. É o contrário. “Desnacionalizaram a indústria.” Não, internacionalizaram. Uma parte da daqui vai lá para fora, também, e o mercado vai ser mais amplo.

Houve um problema? Houve, não posso negar que tenha havido. Podia ter sido melhor? Podia ter sido melhor. Não posso negar isso. Não há dúvida. Agora, que houve um processo grande de transformação do parque industrial brasileiro que permite que o Brasil, hoje, possa entrar no próximo século olhando para frente, eu não tenho dúvida.

Agora, não é porque teve só investimento de capital. Houve investimento, não houve paralisação disso. Estou dando números. Houve per-

das, houve muita coisa. Muita coisa errada, muita coisa certa, etc. Mas por trás disso tem algo que é mais importante do que isso. Primeiro, é que nós conseguimos repor o Estado em condições de funcionar. Está uma maravilha? Não está. Mas, hoje, o Estado funciona. O que que eu quero dizer com “o Estado funciona”? O que que eu estou querendo dizer com isso? Eu me referi ao fato de que estamos modificando, nas áreas tradicionais, de onde havia muita fisiologia e tal, que é educação, saúde. Ao aparelho de Estado, para dotá-lo de uma capacidade de maior capilaridade. Que nós mexemos na parte de reforma agrária já devem ter falado aqui. Desapropriei três Bélgicas. Todo dia tínhamos decreto de desapropriação. Doze milhões de hectares de terra. É muita coisa.

E, agora, estamos fazendo a agricultura familiar, com o Pronaf, botar esse pessoal para trabalhar. Leva tempo para isso ter efeito. Mas mudou a relação do Estado. Ele funciona nessa área. Na educação também funciona. Quer dizer, expandimos muito a oferta, como eu já disse aqui, de matrículas. Melhoramos o salário com o Fundef. O provão deu competitividade às escolas superiores. Agora, estamos criando escolas técnicas e são 99 acordos já feitos, que é uma coisa que está revolucionando. Mudamos o ensino médio, mudamos o ensino técnico. E na educação realmente houve um avanço muito grande.

Mas deixa esse lado do Estado, pega o outro lado do Estado. Mudamos completamente – estamos ainda em um processo – o velho Estado. Estamos criando um Estado regulador, ao invés de ser um Estado diretamente investidor no setor produtivo. Algumas agências estão aí. Petróleo, está aí o David. Está a questão da Anatel, da Aneel. Nada disso existia. E é uma concepção nova. Não é porque se criou. É outra coisa. Você criou as agências que são dotadas de poder, de independência, ante a fisiologia, o corporativismo e ante o próprio Governo, em muitos aspectos, para regulamentar o setor produtivo. O capital é privado, mas os objetivos têm que ser orientados para fins sociais e fins nacionais.

Então, não é o Estado mínimo que enxuga para que o capital e o mercado mandem. Porque isso, não estou de acordo, nem o partido. Isso, sim, seria o que chamam de neoliberalismo, o que já é um xingatório, até para os liberais. Não. É um Estado que tem competência para

regulamentar. Estamos fazendo nos transportes – está lá na Câmara. Estamos fazendo nas águas – está lá na Câmara. Estamos fazendo na vigilância sanitária – está feito. Quer dizer, é um outro Estado. Estamos construindo um novo Estado. Estamos reformando o Estado.

Em uma boa parte do tempo, a reforma do Estado passou a ser a reforma da administração: “Vai cortar salário. Não vai cortar salário. Fulano faz o quê? Tem estabilidade? Não tem estabilidade?” Isso é um aspecto menor. O aspecto maior é que estamos reformando o Estado mesmo. Os efeitos disso? Só no tempo. Como é que vamos ver os efeitos na educação, senão no tempo? Eles virão. Eles virão, porque estão aí. Temos mais crianças na escola. Melhorou. Tem mais alimentação na escola. Caiu a mortalidade infantil. Tem médico de família. Tem agente comunitário de saúde. Isso leva 10, 15, 20 anos. Mas não estamos governando com oportunismo no dia-a-dia. É por isso que digo: o rumo nós não perdemos. Acho que, nessa questão, nós avançamos.

E não deixamos de manter no Estado suas instituições fundamentais. Primeiro, não privatizei a Petrobrás. E disse que não ia privatizar. Ela está competindo com outras empresas, associando-se. Mas ela está alavancando. Segundo, na questão de telecomunicações, está lá o BNDES com um programa para a produção de equipamentos para as telecomunicações. A mesma coisa fizemos com o têxtil, com calçados. Demoramos. Atrasamos. Todas as críticas são verdadeiras. Mas o rumo, não. A afirmação de que estamos destruindo o Estado, esta não é verdadeira. Pode-se dizer que, por alguns erros, poderia ter ido mais à frente, tudo bem. Mas nós fomos fazendo.

O BNDES dispõe, hoje, de uma verba equivalente quase ao Banco Mundial. Diga-se de passagem que o programa de distribuição de alimentos no Brasil é quase do tamanho do programa da ONU, em valor. O BNDES tem cerca de 20 bilhões, mais ou menos, não é isso? Para quê? Para apoiar essas transformações. Essas transformações que são, basicamente, do setor nacional. Não são do setor multinacional. Tem também, porque essa distinção não dá para fazer a ferro e fogo, porque, senão, você paralisa a indústria, porque tudo está muito interligado. Agora, tem que ter uma certa ação preferencial.

Estamos desconcentrando a indústria. Isso está tudo no nosso programa. Quando assumi o Governo, havia fábrica de automóveis em São Paulo e Minas. Hoje, tem muitas mais em São Paulo, muitas mais em Minas, tem no Rio, tem no Paraná, tem no Rio Grande do Sul, tem na Bahia, tem em Goiás. Estamos desconcentrando. Em calçados, eu nem falo, em homenagem ao Mário Covas, porque cada governador nortista que vai lá toma um pouquinho de São Paulo. Mas está acontecendo. Está acontecendo uma desconcentração da indústria, o que é bom, desde que não perca São Paulo também, não é? Mas é bom. Estamos desconcentrando a indústria. Estamos descentralizando a administração fortemente. Bom, enfim.

Mas, por trás disso, o que acho que é mais importante – e aí não é o PSDB, é para a nossa consciência: por que o Brasil pôde dar esse salto, que se torna avançado, negócio de tecnologia de estação de petróleo? A Embrapa é um colosso. Faz revoluções todo mês. Cria novas sementes, novas variedades. Permite a ocupação do cerrado. Temos, hoje, uma autonomia tecnológica no setor agrícola brutal, que, se tivermos inteligência para aproveitar isso de uma maneira mais agressiva, até comercialmente, com a Embrapa, podemos ter um *agrobusiness* com uma boa base brasileira. Melhoramos a qualidade das nossas raças bovinas enormemente – enormemente.

Enfim, por que fizemos tudo isso? Temos química fina. Somos capazes de fazer veículo lançador de satélite. Somos capazes de fazer uma série de desenvolvimentos tecnológicos. Temos um sistema de ciência e tecnologia no Brasil que, infelizmente, como temos o que eu chamo de “fracassomania”, catastrofismo, não se valoriza. Desde 1951, funciona o CNPq. Sabem quanto os órgãos principais de pesquisa dão para a pesquisa no Brasil – CPNq, Capes –, sem contar com os órgãos estaduais? Um bilhão e 200 milhões de reais. Se se acrescentar a isso o que, agora, a Agência Nacional de Petróleo está dando para a pesquisa, são alguns milhões de dólares.

Bom, é bem usado ou mal usado? Ah, não sei, varia. Tem bolsa boa, tem bolsa ruim. Em média são 40 mil bolsistas por ano, no Governo Federal. Somem-se a isso os governos estaduais. Temos um sistema de

produção de ciência e tecnologia. É o único país emergente que tem esse sistema, para não falar dos outros. Ninguém tem. Temos uma massa de capital humano que vem de longe, não foi o PSD. Mas isso nunca parou.

Toda vez que havia uma reunião da SBPC havia crítica. Mas quando se foi ver o resultado, e eu tenho visto, houve uma avaliação feita por uma agência israelense. Vale a pena ler. É surpreendente como é que se mede isso: em número de artigos publicados por cientistas brasileiros em revistas estrangeiras; em número de citações que esses artigos têm em outras revistas. Em algumas áreas é surpreendente. Matemática, por exemplo. Houve uma alta matemática, agora, no Rio de Janeiro. O melhor grupo está no Rio de Janeiro. Ninguém nem sabe.

Existe uma teia de produção de conhecimento. Isto é o futuro. Esta teia o PSD tem que gritar por ela. Mas não é gritar, juntar, fazer cartaz: "Falta verba para a pesquisa." Não. Isso é primitivo. É olhar onde é que falta mesmo, onde é que está sobrando, o que é que tem que fazer efetivamente. Mas essa bandeira tem que ser nossa, nós podemos ter a autonomia que nós queremos nesse mundo que é globalizado. É a bandeira do saber, é a da informação. Isso eu acho que é tema do PSD. E a crítica também. Fez certo, fez errado, o Governo fez mais, fazia menos. Mas eu acho que é aí que nós temos que atuar com mais força. Nós podemos atuar com mais força.

Eu não tenho dúvida que com isso – eu não quero cansá-los, vocês já devem ter ouvido falar disso – nós temos condições de levar adiante um projeto nacional de desenvolvimento. Vou repetir o que disse há pouco na Escola Naval. Hoje, projeto nacional de desenvolvimento não pode ser como no passado, em que um governo decide quais são os objetivos nacionais e impõe metas e faz programas e põe o dinheiro. Porque o Governo não tem dinheiro, porque as metas não podem ser só do Governo e precisam de um envolvimento da sociedade. Não pode mais ser assim, nem que um intelectual iluminado... – e por sorte temos muitos. Infelizmente, eu já não estou na área. Se tivesse eu queria ser iluminado. Mas que pudesse escrever um projeto. É outra coisa hoje. A sociedade é democrática. E aí vem o que eu disse há

pouco da *governance*, da governabilidade. Um projeto tem que ser mais amplo do País.

O PPA–Plano Plurianual de Investimentos –, o Avança Brasil é uma tentativa de colocar junto uma série de projetos que não são do Governo, são de todos. Agora, que tem, tem. Para tudo. Nós estamos refazendo hidrovias, ferrovias, portos, energia, telefonia, que foi uma revolução com a privatização. Tudo. Mas muita coisa da infraestrutura que está posta lá. Pórtos. Temos um projeto. E neste projeto entra educação, entra saúde, entram ciência e tecnologia. Temos que assumir esse projeto como nosso. Eu estou cansado de ouvir: “Falta no Brasil um projeto de desenvolvimento.” Falta ler, falta se informar, falta escrever sobre o que não sabe, aliás, não falta, tem muita gente escrevendo sobre o que não sabe. Tem que se informar. Bom, levar e discutir.

Mas eu acho que o PSDB tem que levar essas coisas e levar forte, que nós temos este rumo mesmo. O PPA nos dá um rumo efetivo. É um projeto nacional de desenvolvimento. Não é um projeto do PSDB, mas ele tem que apoiar, é o conjunto. O Congresso vai retomá-lo.

Bem, ali vocês podem ver que tem uma numerologia para a gente, vê o que precisa e o que não precisa para tudo isso. Agora, eu acho que nesta matéria de, enfim, de retomar o rumo, o Brasil precisa apenas gritar o que está fazendo. Eu gostaria que cada brasileiro tivesse a chance que eu tenho de ver as coisas do Brasil.

Esta semana, fui lá ao Piauí, a São Raimundo Nonato. Lá existe uma descoberta arqueológica de uns traços rupestres de culturas de 50 mil anos. É a área mais antiga das Américas. Mas tudo bem, aconteceu. Agora, lá tem um museuzinho, o sítio arqueológico é igualzinho ao que eu vi nas áreas mais desenvolvidas do mundo. Tudo bem feito. É em São Raimundo Nonato, no Piauí.

Agora, tão importante quanto isso é que, bem ou mal, há em São Raimundo Nonato 29 cursos superiores. É claro que eu, como professor de universidade, da USP, de universidades do mundo todo, digo: “Será que são superiores mesmo?” Mas isso não tem importância. Isso é visão, digamos, elitista. São 29 cursos que estão dando lá para a popula-

ção de São Raimundo Nonato a possibilidade de aprender alguma coisa. Estou dando esse exemplo porque foi ontem, anteontem.

Ontem, fui a Pirenópolis, em Goiás, onde foi recuperada uma igreja. Em Goiás, o Governador e o Governo Federal recuperamos oito igrejas. Meu nome estava lá. Beleza de igreja. Foi Sérgio Motta quem botou o dinheirinho lá, das teles, para poder fazer a recuperação. Estamos recuperando uma enorme quantidade de coisas históricas. Por quê? Porque precisamos da identidade nacional, da cultura, dessa coisa toda.

Agora, isso está ocorrendo no Brasil. Está ocorrendo, há 29 cursos em São Raimundo Nonato. Por que nós não juntamos isso tudo para também dizer o que está sendo feito por nós, brasileiros, com continuísmo e com energia? É claro que falta fazer muita coisa. Há alguns anos eu falei uma expressão que ficou famosa: “entulho autoritário.” Agora, acho que tem entulho burocrático. Há pouco, mesmo, estava falando com o Eduardo Eugênio: o Presidente toma uma decisão e, depois, o entulho burocrático atrapalha e não sai. Então, temos que lutar contra o entulho burocrático.

Quero defender a burocacia brasileira também. Temos uma burocacia de altíssima competência. Nos altos escalões e nos médios, gente dedicada. Mas existe a mentalidade burocrática, um S.M.J., salvo melhor juízo, que vai para cá, vai para lá, vai para cá, vai para lá, e não sai nada.

Então, sei que temos que mexer muito nisso aí, até para que possamos incorporar mais. Esse programa que fizemos agora, de pequenas e médias empresas, que é uma coisa bonita, com o Sebrae, com tudo o mais, uma coisa muito bonita, tomara que ande. Mas para andar precisa de um esforço enorme.

O partido pode pegar isso aí, lutar contra isso e tomar como bandeira. Mas em vez de pegar “O governo não fez isso, não fez aquilo.” Não fez, não pôde fazer, vamos fazer juntos. Vamos arrebentar o entulho burocrático, vamos lutar, na prática, como militância, porque Governo não faz sozinho. Partido sem militância também não faz. Precisamos ter crença, só há militância quando há crença. Aí faz. Acho que temos muito o que fazer nisso.

É claro que temos ainda um trabalho imenso na questão das reformas, que há muito já avançaram. E também tem outra coisa que tem que dizer com clareza: os mercados financeiros põem o sarrafo cada vez mais alto. Deixa para lá. Eles que ponham o sarrafo onde eles quiserem. Nós temos que cuidar do crescimento do Brasil. Deixa para lá.

Então, já fizemos muita reforma, o Congresso já aprovou muita coisa. Olha, eu acho que, a não ser na Constituinte, nunca vi legislatura que tenha aprovado mais do que a do ano passado e continuou esse ano. Aprova tudo. Estamos mudando o marco jurídico legal do Brasil. E coisas mais difíceis. E o Congresso aprova. Claro que o Congresso muda. O Congresso é autônomo, a democracia é isso. Não adianta eu querer uma coisa e o Congresso querer outra. Ele prevalece. Mas, na média, sai bom. Na média, avança.

Quer dizer, já aprovamos muita coisa. Vamos acabar um pouco com essa febre, essa coisa: “Se não fizer tal改革a o mundo cai.” Não cai, não. O Brasil está sólido. O Brasil está sólido. Quer dizer, vamos aprovar as reformas. O INSS foi uma reforma importantíssima que o Congresso aprovou. Tem efeitos de médio prazo, muito bom. Estamos enfrentando a questão da Previdência pública. Vamos continuar enfrentando, sem frenesi. A reforma tributária, já falei dela. Então, vamos ser sensatos, vamos botar regras gerais na Constituição e deixar que o tempo ajude a recompor essa matéria, que é uma matéria delicada. A do Judiciário o Congresso aprovou uma modificação importante.

Então, agora, é tratar de baixar a taxa de juros e crescer. E a taxa de juros baixa à medida que tivermos governabilidade. Quando se começar a produzir crises mais ou menos artificiais: “Vamos botar as tarrafas altas a toda hora”, é para atrapalhar. Agora, vamos seguir essa linha com sensatez, porque o Governo não pode ser responsável. É a linha do PSDB. E vamos retomar o crescimento. Eu acho que isso é que é o fundamental.

Quero finalizar, porque já falei até muito mais do que deveria, dizendo o seguinte: Temos condições efetivas como Nação, e o PSDB tem condições efetivas como partido, de apontarmos para o próximo século com mais confiança. E não confinça retórica e boba. Confiança efetiva.

Essas questões dos que pensam, porque está havendo globalização, que perdemos vez na História estão enganados, estão enganados. Depende da nossa política, do modo de atuarmos. É óbvio que o sistema internacional é um sistema assimétrico e injusto e que é muito difícil haver mudanças. Algumas, pequenas, estão acontecendo. Mas a principal aconteceu entre nós próprios. A dura lição das crises ensinou.

Vejam, comecei a governar em janeiro de 95. Vinha já de um governo onde tinha um papel bastante ativo, que era o anterior. Logo em dezembro de 94, houve uma crise, a do México, que atrapalhou o nosso ajuste aqui. Em abril, a taxa de juros lá em cima e crise: 10 bilhões de reservas perdidas. Crise no sistema financeiro: Proer. O Proer foi a salvação da lavoura. Agora, o Congresso vai lá e fez o que fez. É duro, porque o Proer foi a salvação da lavoura. O Proer, realmente, saneou o sistema financeiro. Muito bem, em 97, outra vez, crise. De novo, medidas duras, juros lá para cima. Em 98, crise da Rússia, desvalorização. Está claro que mudamos a política. Nós já mudamos a política. Com muitas dificuldades, mas mudamos para nos adaptarmos aos novos tempos.

Hoje, sabemos que temos que contar muito mais com o esforço de capital produtivo nosso e que não podemos amarrar a nossa política monetária, a nossa política financeira a capitais de curto prazo. As nossas reservas, hoje, não se compõem mais de capitais de curto prazo. Isso não quer dizer que não tenhamos tido um forte apoio – porque tivemos – do Fundo Monetário Internacional e dos países industrializados. Se tivessem dado o apoio que deram naquele momento, não teríamos passado o ano que passamos, da maneira pela qual passamos, com muita dificuldade, mas a economia está intacta. Conseguimos até não aumentar a taxa de desemprego. Baixar levemente a taxa de desemprego. A inflação controlada.

A economia está intacta, pronta para crescer. Por quê? Porque, pela primeira vez, obtivemos, o país obteve 41 bilhões de dólares do Fundo Monetário, do Banco Mundial, do BID e de 20 países industrializados, antes de quebrar, o que foi a minha luta no ano passado. Antes de quebrar, quer dizer, com reservas, porque, se ficasse sem reservas, teríamos 10 anos de paralisação, moratória e tudo isso.

Mudou o Fundo. Criou-se um negócio chamado fundo de contingência. Nós não usamos esse dinheiro. Nós usamos, mais ou menos, a metade, se é que tanto. A Míriam deve saber melhor do que eu. A metade, se é que tanto. E estamos pagando. Vai ver que estamos pagando até um pouquinho a mais. Mas foi importantíssimo, porque deu o ar para respirar.

Então, não podemos ficar com essa atitude um pouco primitiva de que o Fundo Monetário é o “bicho-papão”. Não. E fizemos uma política garantindo a nossa capacidade de definir a política de juros. Fizemos, como tínhamos feito com o Real, um ajuste que não é um ajuste que deixe de levar em consideração a área social e a aspiração de crescimento, senão o crescimento efetivo.

Bom, isso foi feito. Foi feito baixando a taxa de juros. Claro que ninguém é irresponsável. Tem que baixar olhando as condições de mercado, olhando as condições do gasto público. Nós seguramos o gasto público. O compromisso feito não foi com o Fundo Monetário, foi com o País, que fiz em setembro, em um discurso no Itamaraty, em que eu disse o óbvio. Qual é o óbvio? Não podemos deixar que a dívida interna cresça na proporção em que está crescendo. Vão dizer: “Não vamos pagar.” E quando disserem “Não vamos pagar”, quebram. Então o compromisso é fundamental porque é para o País. Não pode deixar que a dívida interna ultrapasse um certo nível. Não ultrapassou. Até, pelo contrário, seguramos. E vamos estabilizar a dívida interna.

A dívida externa está negociada há muito tempo pelo Malan e por mim. O Governo Federal tem dívida externa de mais ou menos 100 bilhões. E tem reserva de 40, portanto a líquida é de 60, negociada de longo prazo. O PIB é de 800. Quer dizer, não há esse problema. Quem tem dívida externa são as empresas. Por que elas têm dívida externa? Porque a taxa de juros é mais baixa. Como o mundo é globalizado, é negócio.

Claro que, se houver uma confusão maior, pára de pagar e tal. Por isso que não pode deixar haver essa confusão. Mas não é essa obsessão da dívida externa. O problema era a dívida interna. A dívida interna, nós nos comprometemos, porque é essencial para o Brasil manter esse

controle. E é óbvio que essa dívida deixa de crescer, exponencialmente, à medida que a taxa de juros baixa também. Então, esse é o objetivo: manter a inflação sob controle.

Essas questões estão delineadas. Nós não precisamos, agora, demônizá-las, que é o que a oposição faz. Temos que explicar ao país o que que está sendo feito. Explicar.

Então, eu acredito que se o PSDB, realmente, estiver de acordo com o que eu estou dizendo – pode não estar –, se acreditar, e sabendo que nós temos, no mundo, um momento complicado, mas o mundo já está mudando, e vai mudar mais, como o Brasil consegue manter essa política, digamos, que dá um horizonte, portanto, que mantenha uma política de controle do gasto público, o PSDB não pode apoiar políticas de descontrole do gasto público, porque inviabiliza tudo. Controle de gasto público. E mantém uma política de controle da inflação e, portanto, baixa de taxa de juros, de crescimento. Ou, então, nós não vamos fazer o que precisamos fazer mesmo, que é atender às nossas demandas sociais. No rumo que já estão delineadas.

Eu poderia, se quisesse tomar uma atitude não auto-indulgente, dizer: “Fizemos mais que todo mundo.” Fizemos, em várias áreas. Mas não adianta, porque o que se tem para fazer é muito mais. E a população não vai ficar contente em saber que o governo do PSDB fez mais que os anteriores. Ela vai querer saber: “E depois?” Ela é como os mercados, ela olha para frente, as expectativas são para o futuro.

Então, ou o PSDB assume que temos futuro, como partido, como Nação, e acredita no que estamos fazendo e defende esse futuro e com princípios ou, então, não temos chance de ganhar as eleições.

Termino, portanto, dizendo que, apesar de eu ter feito alguma exposição factual, de uma coisa ou de outra, acho que a nossa questão é de conceito: o que somos, em que acreditamos. E defender, com força, que nós somos a nova social-democracia. Chamem como quiserem: terceira via, quinta via, qualquer via. A via da decência e da dignidade na política. Isso é importante. A via do atendimento social e a via do crescimento. Nós somos isso. Ou, então, nós não temos lugar na História.

Mas só estamos em posição, nesse momento, de dizer que somos isso, dizendo que já estamos fazendo. Porque, senão, ninguém vai levar a sério, porque nós estamos no governo. O PSDB é governo e tem que defender, ao lado da crítica, o que está sendo feito. Se fizer isso, com coragem, se vamos baixar a cabeça à primeira crítica, despropositada e demagógica, aí não vai.

Temos que ir para a luta. E, aí, especialmente aos Deputados e Senadores: não adianta eu ganhar a maioria no Congresso. Eu tenho. Eu quero ter o conceito, quero ir para a tribuna para defender. Vai para a televisão e fala por que está votando. Não é votar envergonhado, porque voto envergonhado é derrota amanhã. Tem que ser o voto de cara limpa, o voto de quem acredita. Porque o governo está fazendo – pode errar – o melhor que pode, com decência, com coragem. E o PSDB também. É um partido que tem essas características de decência. Então, essa é a nossa via, que é a via do futuro.

Muito obrigado.